

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 112  1 DE FEVEREIRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		



CANONISAÇÃO DE QUATRO NOVOS SANTOS, REALISADA NA AULA DA BENÇÃO, EM ROMA, NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1881

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Canonisação de quatro novos santos, R. — A parada, MONTEIRO RAMALHO — As nossas gravuras — Exposição Nacional de Milão, R. — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS.** — Canonisação de quatro novos santos, realisada na Aula da Benção, em Roma, no dia 8 de Dezembro de 1881 — Parada do dia 14 de Janeiro de 1882, Tropas desfilingo diante da tribuna real, levantada na praça de D. Pedro, em Lisboa — Tourada na praça do Campo de Sant'Anna, offerecida pelo sr. Alfredo Anjos a Suas Magestades Catholicas, em 15 de Janeiro de 1882 — Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Ha dias ao lér o *Évenement* tivemos um momento de verdadeiro jubilo, e que nos reconciliou connosco mesmo. Aurelien Scholl, um dos escriptores de mais espirito da França de hoje, o humorista notabilissimo, que juntamente com Charles Monselet e Pierre Veron elevou a chronica á altura d'um genero litterario, começava uma das suas brilhantes revistas bi-semanaes do *Evenement*, lamentando-se da falta de assumpto, como qualquer pobre chronista de Lisboa, limitado ao norte pelo Martinho, ao este pela Havana, e ao sul pelas arcadas das secretarias de estado.

Este lugar commum do noticiario portuguez arvorado em prefacio de uma chronica parisiense de Aurelien Scholl foi-nos d'uma grande consolação.

Quando o espirito faiscante do mais parisiense dos escriptores da França não pôde arrancar da vida agitada, complexa e ruidosa dos *boulevards* de Paris, um assumpto para dois *courriers* por semana, o que ha de fazer um pobre chronista de Lisboa, que procura avidamente, ao almoço, todos os dias, nas columnas estreitas do *Diario de Noticias* os acontecimentos, n'essas columnas do lá vem um, que a maior parte das vezes espremidas como um limão por cosinheiro sovina, não deitam mais succo que uma carta de conselho, uma facada na Mouraria, ou o casamento d'um sr. Silva ou d'um sr. Costa!

N'estas circumstancias a confissão de Aurelien Scholl é a reabilitação, a justificação, e podemos quasi dizer a glorificação dos chronistas de Lisboa, mas não diremos por um sentimento de modestia, que de certo approvarão.

Hoje por exemplo nós tinhamos muitos desejos e muita necessidade de traduzir para aqui as palavras de Aurelien Scholl.

Depois d'uma indigestão de assumptos ha dez dias, estamos a braços com a fome.

As columnas da nossa ultima chronica foram as vacas gordas do sonho de Pharaó, agora, cá temos as vacas magras, e sem ser em sonho, n'uma realidade triste, que desdobra ante nós oceanos de papel em branco.

Tenham paciencia meus caros leitores com esta reprise de banalidades chochas, a falta de assumpto, o papel em branco, e todos estes lugares communs da chronica de ha muitos annos, mas o exemplo vem de longe, vem de alto, d'um dos mais notaveis mestres no genero, d'um homem que pôde dar o tom, fazer a moda; é o ultimo figurino de Paris para a chronica, e nós usamos d'elle com mais promptidão elegante do que das calças apertadas e dos fraques recuados que nos envia o *Journal des Tailleurs*.

Depois de se divertir n'um esforço colossal, oito dias a fio, Lisboa cahiu na semsaboria de todos os dias.

Das festas que passaram só restam os casacos velhos deixados no baile de S. Sebastião da Pedreira e expostos no salão da Trindade, e o esqueleto da tribuna do Rocio que, facto extraordinario, tem levado mais tempo a desmanchar que a construir.

Para accordar um pouco o paiz somnolento das noitadas dos bailes e das festas do rei de Hespanha, o parlamento serviu-lhe em guisa de chocolate o tratado de commercio com a França.

O paiz accordou estremunhado e não gostou d'essa tisanã, cuja confecção lhe custou um bom par de libras.

Não é aqui lugar para analysar, estudar e discutir esse tratado com a França, e se a nossa chronica tivesse ares de assembléa legislativa nós resignariamos logo o nosso mandato.

O tratado é bom? É mau? como em todos os negocios politicos, o governo diz que esse tratado é uma delicia, a opposição clama que é uma atrocidade.

Nós como temos a convicção de que se a opposição fosse governo acharia esse tratado excellente, e o governo se fosse opposição o acharia detestavel, não nos atrevemos a emitir qualquer opiniao, sem primeiro o ter estudado.

O que é porém certo, o que é nosso dever consignar aqui, é que esse tratado foi mal recebido por grande parte dos nossos industriaes, que levantou protestos energicos, sobretudo no Porto e que bom ou mau foi já approvado pela camara electiva.

Para entreter o espirito da população de Lisboa, a camara municipal mandou deitar abaixo os predios grandes fronteiros ao passeio publico para continuar a passear a phantasia dos seus municipes pela Avenida da Liberdade, que lhes desenhou nos seus sonhos dourados do futuro.

Ora nós não vimos aqui chorar sobre a cal e areia d'esses predios que se demolem, mas em vista do que ha de feito, de realisavel, nas obras d'essa Avenida, receiamos muito que essa extemporanea demolição que faz tanto pó na Praça da Alegria não seja pocira deitada aos olhos da cidade.

Aquelles predios representavam uma somma importante de dinheiro, representavam com as suas rendas um juro consideravel que por muito tempo a camara poderia vencer sem prejuizo da Avenida, que está ainda balbuciante; para que demonio deital-os abaixo, reduzir esse juro a um monte de caliça, unicamente para os substituir por uns tapumes que não rendem nada que desfeiam tudo, e que por muito tempo de certo vão delimitar o horisonte das portas do passeio?

Parece-nos que esta actividade que se vê, seria muito boa se corresse parêlhas com a actividade n'aquillo que se não vê, mas não corre e no fim de contas, paraphraseando aquella unica phrase do advogado do *Desquite*, nós diremos a respeito das obras municipaes:

— E se nós tratassemos da canalisação da cidade?

O verão está a bater á porta, e as condições hygienicas de Lisboa estão na mesma ou peiores, do que estavam no anno passado.

O inverno já lá vae, e nada se fez. Ora nós achamos muito bom que a cidade tenha largas avenidas, ruas novas, palacios de christal até, como agora se planea, achamos tudo isto magnifico, mas parece-nos que antes de tratar do augmento dos aformoseamentos da cidade, havia uma coisa importante, indispensavel, a fazer, era tratar da diminuição da mortalidade dos habitantes.

E vemos tratar de tudo, de tudo menos d'isso.

— Os theatros ressentiram-se um pouco, muito menos do que era de esperar, n'estes dias, do movimento extraordinario da semana das festas. S. Carlos que de todos os theatros de Lisboa, é o unico que tem levado vida menos brilhante, resentiu-se d'isso e da saida da sr.<sup>a</sup> Bianca Donadio.

A sr.<sup>a</sup> Donadio foi o patrão Joaquim Lopes, da actual epoca lyrica. Se não fosse ella, não sabemos se o theatro teria ou não dado á costa, mas o que sabemos é que o publico teria naufragado no grande escolho do aborrecimento.

Nós devemos-lhe a ella as unicas noites alegres, de festa, de entusiasmo, d'esta estação theatral.

A sombra d'ella passaram as semsaborias do resto do repertorio. Ouvia-se a *Jone*, por exemplo, e no meio d'aquella sacrificio tremendo, a gente pensava em que no dia seguinte ouviria o *Hamlet*, ou a *Sommambula*, ou a *Lucia*, e em summa isso dava certo animo.

A chegada da sr.<sup>a</sup> Cepeda, que se não é uma celebridade como a Donadio, é todavia uma cantora distincta, deu-nos certa esperanza de ver acabar bem uma epoca tão mal principiada.

Mas de repente, não sabemos porque, a sr.<sup>a</sup> Donadio vae-se embora, e essa esperanza desapareceu.

Para fazer face ao desanimo do publico, pela abundancia de festas e pela falta da Donadio, a empresa, deu, duas noites seguidas, operas novas; uma foi a *Lucrecia Borgia*, outra o *Baile de mascarar*.

Estas duas operas enganaram-nos completamente. Imaginavamos que uma seria quasi um successo, outra quasi um fiasco. E foi isto effectivamente, mas foi exactamente o contrario do que pensavamos.

Aconteceu-nos o que aconteceu uma vez ao sr. Rebello da Silva no curso superior de letras.

O grande escriptor não tinha regido a sua ca-

deira durante o anno, mas apresentou-se no fim, aos exames. O professor que o substituiria, informou Rebello da Silva sobre dois alumnos que tinha no dia immediato a examinar.

— Um, disse-lhe elle, é de primeira ordem, o outro não vale nada.

O sr. Rebello da Silva foi para o exame com esta indicação, apenas. Apareceram-lhe a exame dois alumnos. Rebello da Silva examinou-os minuciosamente, e á noite disse ao seu substituto:

— Lá appareceram os rapazes, um teve distincção, mas o outro não era tão mau como isso, aprovei-o tambem.

O substituto não pensou mais n'isso; mas no dia immediato ficou assombrado ao ver que o que tinha sido approvado com distincção era o que não valia nada.

Em S. Carlos aconteceu-nos o mesmo: imaginámos que a *Lucrecia* teria um bello desempenho, que o *Baile de mascarar* seria um *four*. Pois foi exactamente o contrario.

A *Lucrecia Borgia* essa opera alegre de Donizetti que lucta duranre tres actos com um poema dos mais tragicos que conhecemos no theatro, não foi positivamente um *fiasco*, mas esteve muito longe do exito que davam direito a esperar os nomes de Cepeda, Fancelli e David.

De todos estes tres apreciaveis artistas o unico que se poz em evidencia que desenhou soberbamente a sua physionomia dramatica foi o sr. David, que se mostrou realmente um artista distinctissimo.

No *Baile de mascarar* ao lado do desempenho excepcional que o sr. Kaschmann deu ao seu papel, e que effectivamente esperavamos, o sr. Bulterini cantou excellentemente a sua parte, com um *entrain* que raras vezes lhe temos visto e a sr.<sup>a</sup> Garbini foi muito correctã e muito conscienciosa no desempenho dramatico e musical de toda a opera.

E o *Baile de mascarar* agradou realmente, foi applaudido com justiça e depois das operas da Donadio é aquella que se tem ouvido com mais agrado.

— E para terminar a nossa chronica hoje reservamos um *reclame*. Nunca o fizemos aqui e por tanto ser-nos-ha permitido hoje fazel-o. É o *reclame* para uma boa publicação nova, que veio satisfazer uma necessidade immediata e urgente, e que é dirigida por um escriptor muito intelligente, muito illustrado e um trabalhador audaz; o novo jornal a *Sciencia para todos* dirigido pelo sr. Francisco de Almeida, um nome já muito conhecido dos leitores do OCCIDENTE.

Esta nova publicação é uma propaganda, a que nos associamos com todo o entusiasmo, com tanto que até prepetuamos um *reclame*, é uma propaganda santa, a propaganda da sciencia dos conhecimentos uteis, d'esses conhecimentos uteis, que raream tanto em Portugal, onde os conhecimentos inuteis abundam.

Gervasio Lobato.

## CANONISAÇÃO DE QUATRO NOVOS SANTOS

I

Registando os factos notaveis do nosso tempo, não podemos deixar de fallar d'esta solemnidade, uma das mais salientes e notaveis do orbe catholico.

Seria longo e complicado dizer quaes os trmites a seguir, conforme os ritos da igreja catholica, para um individuo poder ser incluido na lista dos santos, que podem receber culto dos fieis catholicos. Se para os martyres da fé, isto é, para aquelles que padeceram martyrio pela religião, o processo é menos complicado, por isso que aquella qualidade supre muitas formalidades d'elle, como é obvio; para os demais são necessarias muitas diligencias, que só ao cabo de longos annos podem conduzir ao resultado final.

Demais esta importantissima cerimonia da religião catholica só é celebrada de 25 em 25 annos, o que importa dizer que a ultima se realisou no pontificado de Pio IX, em 1856, quando foram canonisados os martyres japonezes, e o nosso sr. João de Brito, e a seguinte só poderá verificar-se em 1906.

Quem quizer informar-se minuciosamente do processo de uma canonisação pôde consultar o tratado *De canonizatione sanctorum* de Benedicto XIV ou o *Dizionario d'erudizione ecclesiastica* de Maroni, além de outras obras.

Releva saber que ha diversos graus na hierarchia da santidade. O primeiro, de *Veneravel*, é apenas um reconhecimento das virtudes do sujeito; depois segue-se o de *beato*, que é simplesmente a concessão que auctorisa o culto de uma pessoa digna de tal honra e que pôde ser limitada a um só lugar e se diz *beatificação*, seguindo-se finalmente o de *sancto*, que é a *canonisação* de um beato, isto é a proclamação solemne e official da sua gloria.

Para se conseguir este fim pertence a solicitação d'estes actos, ou a *postulação*, segundo a linguagem do ritual, á familia dos pretendidos, ou ás almas piedosas que por elles se interessam.

Os santos cuja canonisação foi proclamada no dia 8 de dezembro do anno findo são quatro: João Baptista de Rossi, Lourenço de Brindis, Bento José Labre, e Clara da Cruz, ou de Montefalco; esta e os dois primeiros italianos e o terceiro francez. Foi este o mais feliz porque a sua canonisação se verificou apenas 98 annos depois da sua morte, enquanto a dos outros foi proclamada para o primeiro 119, para o segundo 261, e para a ultima 563 annos depois do seu transitio final.

A cerimonia costumava fazer em S. Pedro, mas agora celebrou-se na vastissima sala, de 65 metros de comprimento, por 13 de largo, chamada *Aula da Benção*, situada sobre o portico de S. Pedro. Dez gigantescos balcões, ou sacadas de pedra e marmore ladeam esta grande sala, dando cinco sobre a grande praça do Vaticano e as outras cinco sobre a propria basilica. A decoração coube ao architecto dos paços apostolicos Francisco Fontana, habilmente coadjuvado pelos artistas e pintores Novil, Toeschi, Tanfani, Monti, Leonardi, Piccirelli, Giangio e ainda outros. A habilidade do artista converteu a sala n'um famoso templo, que, sem perder majestade, era jardim risonho, consentaneo á festividade que se celebrava.

Nas velhas paredes collocaram-se ricos e magnificos quadros de mosaico e ouro, cuja monotonia era artisticamente quebrada por estandartes pendentes, onde estavam pintados com toda a graça e viveza os passos mais notaveis ou poeticos da vida dos novos santos. Entre janella e janella se erguia uma columna gigantesca toda ornada de grupos de flores, d'onde surgiam 1:800 luzes que illuminavam a sala com surprehendente majestade, e com um calor quasi insupportavel desde o meio da cerimonia. Festões e flores ornavam toda a sala e nas grandes janellas se haviam formado tres corpos de tribunas, todas adornadas de damasco, veludo e ouro, onde esplendiam mil flores naturaes da mais brilhante belleza, isto é princezas e patricias romanas e italianas, e um sem numero de formosissimas damas da Europa e America que o inverno, e a curiosidade d'esta festa trouxeram á Italia. Grandes dignitarios, corpo diplomatico, etc. tambem as occupavam. Ao fim da sala levantava-se o throno pontifical, d'onde discorriam por um e outro lado os assentos para os arcebispos, bispos, cardeaes e mais dignidades. A um terço da sala, levantava-se á direita o altar papal.

Os grandes personagens ecclesiasticos esperavam o papa desde as 9 horas da manhã n'uma sala contigua á ducal. Leão XIII de manto papal e tiara na cabeça, depois de ter orado diante de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, tomou lugar na cadeira gestatoria, fazendo-se transportar sobre esta ao meio da sala ducal, na forma que indica a nossa estampa cercado dos ricos flabellos de pennas de abestruz, e dos bispos e arcebispos. Ahi recebeu a primeira offerta de tres grossos cyrios, feita pelo cardeal postulante. O papa reservando para si o mais pequeno, dava um ao principe Colonna, assistente do Solio; o outro pertencia ao outro assistente o principe Orsini di Gravina, que não estava presente.

Disposta a procissão seguiu por um certo tracto para a grande sala, por entre allas cerradas de povo que os guardas papaes custavam a conter.

O aspecto d'ella era variegado e imponente.

Os masseiros com as suas massas de prata, os habitos roxos dos cardeaes, as capas vermelhas com arminho dos camerarios secretos, a mitra preciosa do papa, levada nas mãos dos capellães, e todos os mais trages e ornatos, que seria longo descrever, formavam um todo majestoso.

Chegado o prestio em frente do altar papal, o papa desceu da cadeira gestatoria, para subir ao throno, tendo á sua esquerda o principe assistente. Então, tirando a tiara, poz a mitra e começou a cerimonia do osculo de obediencia, beijando os cardeaes a mão, os arcebispos e bispos o joelho, e o restante cortejo o pé.

Feito isto, o cardeal Bartolini, procurador da ca-

nonisação, acompanhado pelo decano dos advogados consistoriaes, De Dominicis Torti, segundo a formula se apresentou deante do papa e de joelhos pediu a sua santidade o incluir no catalogo dos santos os quatro beatos, isto com instancia (*instantier*); respondeu o secretario dos Breves que Sua Santidade persuadido das virtudes d'elles, queria não obstante implorar o auxilio do Senhor. Desceu então o papa do throno e, ladeado do cortejo, ajoelhou ante o lindo reclinatório, situado entre o throno e o altar, e entoou as litánias, que repetiu por largo tempo a capella Sixtina, respondendo em côro o cortejo. novo De de joelhos pediu, o mesmo cardeal, a decisão com mais instancia (*instantius*). O pontifice levantou-se, depoz a mitra, os cardeaes Mertel e Randi convidaram a assembléa á oração, e entregaram ao papa o cyrio aceso e o livro dos orações. Leão XIII entoou o hymno *Veni creator Spiritus*, cuja musica solemne foi admiravelmente cantada pela capella Sixtina.

Em seguida o pontifice com a cabeça apoiada sobre as mãos pareceu entregue a profunda meditação. O cardeal Bartolini, continuava de joelhos renovando as suas instancias urgentissimas (*instantissime*) resolvendo-se a não sair d'essa posição em quanto não obtivesse despacho; estando toda a Assembléa de pé, o pontifice tornou a tomar a mitra sobiu á cadeira e pronunciou o almejado decreto, tudo em latim.

« Em honra da Santissima Trindade, em exaltação da fé catholica e da religião christá, pela auctoridade de Nosso Senhor Jesus Christo, dos apostolos Pedro e Paulo e pela nossa, depois de madura deliberação e havendo implorado repetidamente os auxilios de Deus, com o conselho dos nossos veneraveis irmãos os cardeaes da Santa Igreja Romana, patriarchas, arcebispos e bispos presentes em Roma, decretamos que os bemaventurados João Baptista de Rossi, Lourenço de Brindis, Bento José Labre, confessores, e Clara da Cruz, virgem, sejam inscriptos no catalogo dos santos. Estabelecemos que a sua memoria deve ser honrada cada anno com piedosa devoção pela igreja universal d'esta maneira: entre os santos confessores não pontifices, a de João Baptista a 23 de maio; a de Lourenço a 7 de julho; a de Bento José a 16 de abril, e entre as santas virgens a de Clara a 18 de agosto. Em nome do Padre do Filho e do Espirito Santo. »

Os postulantes pediram deante do throno, ao papa, a graça de decretar que fossem expedidas as respectivas letras apostolicas, ao que sua santidade respondeu *Decernimus*, concedemos. Em seguida dirigiram-se aos protonotarios apostolicos a quem pediram tomassem registro de tudo, os quaes responderam *Conficiemus*, assim faremos, apellando para o testemunho dos camerarios secretos. Então os sinos de S. Pedro annunciaram o feliz acontecimento ao que responderam os de todas as igrejas de Roma, quando o papa levantou o *Te-Deum*, ouvindo-se então uma musica suavissima, que se não sabe d'onde vem e parece celestial, entornando sobre os assistentes como que um perfume de harmonias que enlavam a alma: são os clarins e trompas de prata do Vaticano, que quando as canonisações se celebravam no templo vastissimo de S. Pedro, se faziam ouvir como um echo longinquo baixando do ceu, desde a elevada cuspide da igreja. Antigamente do alto da *Mole Adriana* salvava o canhão, juntando o seu estrepito ao repique dos sinos e aos accordes da capella Sixtina. Por uma coincidência singular um regimento de artilheria que fazia exercicio no Monte Mario, casualmente segundo uns, de proposito segundo outros, suppriu com os tiros das suas peças, a falta da *Mole Adriana*.

Emquanto se canta o *Te-Deum*, rompem-se os veus que, na capella Paulina, encobrem as preciosas offerendas, que os postulantes dos novos santos apresentarão depois em bella procissão a Sua Santidade, que, invocados os auxilios da Virgem e santos, dá a benção aos fieis ajoelhados.

Depois de entoada por elle a hora de *terça* que o coro continua, e serve como que de repouso no meio d'esta solemnidade, começa a missa papal.

Esta celebração, já muito rara, torna-se, no meio de todas as suas ceremonias, solemnisima pela gravidade que por ella disseminam as bellas notas da musica de Palestrina.

A procissão das offerendas, formada pelos quatro grupos, precedidos pelos maceiros e guardas que tambem a fecham, constava de cinco cyrios, por cada santo, de cerca de quatorze kilogrammas cada um, primorosamente pintados com flores, etc.; de pães riquissimamente adornados sobre fontes de ouro e prata e gaiolas preciosas e riquissimas dentro das quaes se viam rolas, pombos, canarios e outras avesinhas, cujos arru-

lhos e gorgeios davam uma nota graciosa e suave no meio de tanta gravidade; e finalmente barrisinhos de ouro e prata levavam a agua e o vinho que havia de servir para a missa. Esta procissão começa na occasião do *Credo*, e depois de feitas as offerendas, collocadas sobre o altar e entregues pelo papa ao mestre das ceremonias, eram devolvidas aos offerentes, por não haver alli espaço, como em S. Pedro para serem collocadas sobre os altares. Assim continuou e terminou a missa, fecho d'esta solemnidade.

Por tal maneira findou esta grande festividade catholica, retirando depois o papa e os assistentes pelo mesmo modo e com o mesmo apparato.

(Continúa)

R.

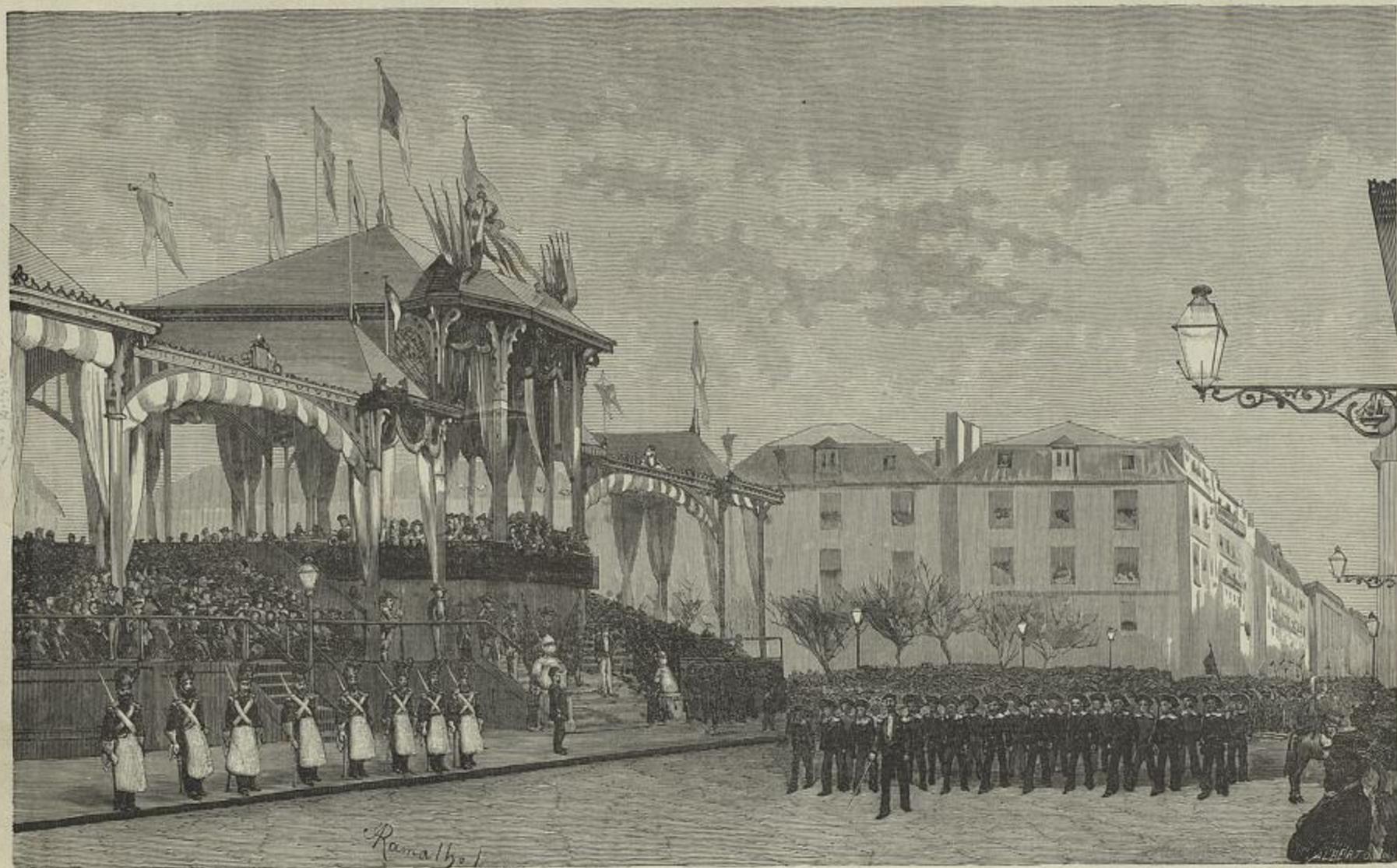
## A PARADA

Quando cheguei ao Aterro, uma vasta alegria tomou-me, victoriosamente. Como o sol andava regalado e bom rapaz, brincando travessamente por toda aquella superficie movente do grande Tejo! O azul puro e terno do céu, onde, nas proximidades do horizonte, havia uma leve pulverisação dourada, espelhava-se divinamente sobre a extensão socegada das aguas mansas, adormecidas ao calor doce do bello astro, e feridas interminavelmente d'irradiações agudas e deslumbrantes; de espaço em espaço alastrava-se a mancha escura d'um navio, d'altos mastros erguidos e fluctuações onduladas de bandeiras vistosas; pequenos botes vermelhos corriam, galhardamente, na prosapia das suas vélas brancas, e cercados de cachésitos d'espuma alvejante; e ao longo do immenso caes, e contornando as pontes largas e pesadas, era uma multidão enorme de hiates, varinos, fragatas, botes, faluas, cujos mastros innumeraveis se misturavam atralhadamente, n'uma confusão de floresta nua e simples.

Pelo Aterro abaixo, por entre as pobres arvores doentes, a artilheria espectacular estendia regularmente as suas carretas cinzentas montadas de canhões mordidos de sol, no meio da impaciencia dos muares gordos e luzidios, e da quietação disciplinada da soldadesca, a pé; á frente, officiaes erectos, brilhantes de fardamentos e de lunetas, esperavam socegradamente, na immobildade dos seus cavallos bons. E por ambas as ruas parallelas, a marginal e a do lado do mercado apparatuso de tijolos vermelhos, cal faiscante e torre pretenciosa, o povo remexia-se, pausado e curioso, n'um amontoamento de côres negras onde raramente protestava a nota d'um vestido femenino, mais ou menos garrido.

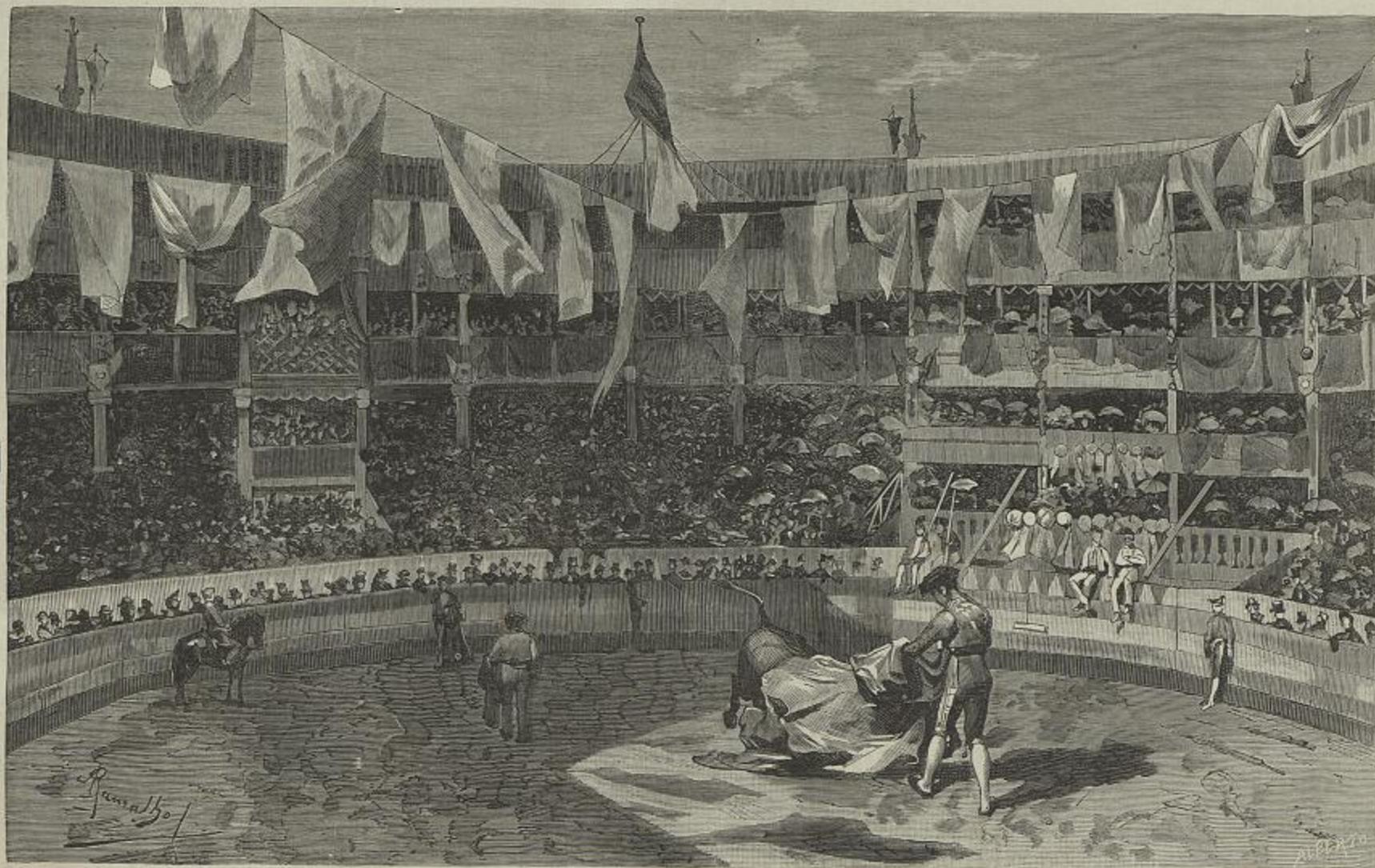
Apenas o meu bom Christino acabou de tirar o rapido *croquis* da carreta d'uma peça, e respectivos soldados e gado, caminhamos lentamente para o Terreiro do Paço, por entre o embarço crescente e amarrotador d'uma multidão espantosa; por todas as janellas do caes do Sodré e rua do Arsenal, umas fustigadas pelo sol, outras mergulhadas em sombra triste, havia um bulicio desusado de côres e de pessoas que esperavam, anciosamente, apertadas nos hiatos estreitos; de longe em longe uma bandeira pendia, de cores diversas, agitando-se levemente sob os sópros surrateiros do vento; um rumor baixo, abafado, de passos e de palavras escoava-se longamente pelo meio das casarias extraordinariamente povoadas. Chegámos ao principio da rua do Ouro, e ahi policiaes atarefados e guardas municipaes ameaçadores impediam o publico, trabalhosamente, de se aproximar das grandes massas da tropa parada, que coalhava espessamente toda a immensa praça inundada de sol, n'um jubilo de bayonetas offuscantes, vivos de fardamentos, curtos mattagaes de plumas de barretinas reluzentes, e espelhamentos sórtes de corriaes; ao longe, no lado esquerdo da praça, desenrolava-se pittorescamente a comprida mancha attrahente e intensa das bandeirinhas bicolores dos lanceiros; e ao centro, o bronzeo D. José, cavalleiro eterno, tinha como que um ar de entusiasmado e satisfeito, aconselhando na linguagem subtil, etherea, dos «immortaes» ao visinho e amigo marquez de Pombal, que deixasse por um momento, bizarramente, o seu frio sorriso sarcastico e descrente...

Seguimos custosamente pela rua do Ouro acima furando com ardôr verdadeiras muralhas humanas, distribuindo e recebendo encontros e pisdellas terriveis, e embriagados ao mesmo tempo



PARADA DO DIA 14 DE JANEIRO DE 1882 — TROPAS DESFILEANDO DIANTE DA TRIBUNA REAL, LEVANTADA NA PRAÇA DE D. PEDRO, EM LISBOA

(Desenho do natural por Antonio Ramalho)



TOURADA NA PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA, EM LISBOA, OFFERECIDA PELO SR. ALFREDO ANJOS A SUAS Magestades Catholicas, em 15 de Janeiro de 1822

(Desenho do natural por Antonio Razalho)



pela delicia rara de andarmos assim mergulhados n'um fundo rio de povo! Mas a asphyxia ia-nos invadindo, barbaramente; já sentiamos ancias desesperadas, e então, perante a desgraçada e estúpida perspectiva de irmos em qualquer máca suja para o hospital, em vez de nos enfadarmos com a monotonia agradável do desfilar guerreiro das tropas, resolvemos muito sentadamente parar, desistir da lucta ingloria, e encostar-nos o mais commodamente possível a uma parede do terceiro quarteirão. (Não me lembro agora bem se foi no terceiro ou n'outro quarteirão. Que diabo!)

Toda a rua estava afogada em sombra, que fazia destacar luminosamente, lá no alto, sobre os telhados negros, a longa tira do azul; por todas as janellas d'aquelles successivos predios regulares, estendiam-se a perder de vista fileiras interessantes de bustos de senhoras, pacientemente encostadas e attentas, n'uma confusão prolongada de côres sempre escuras dos vestidos d'inverno, que saltavam fortemente sobre as grandes bandeiras pendentes, azues e brancas, amarellas, pretas, vermelhas, com corôas e grandes passaradas phantasticas, de feitos convulsionados, olhos coruscantes, e grandes bicos abertos, insaciáveis. Na rua, o povo endomingado amontoava-se cada vez mais, muito pacato e silencioso, na disposição simplesmente interesseira de vér passar um hospede respeitado, e atraz d'elle uma boa parte do seu dinheiro precioso, posto em pelotões aceiados marchando apressadamente ao estridôr de bandas triumphaes.

Em frente de nós, havia n'um segundo andar algumas bandeiras hespanholas execravelmente sujas, a que se encostavam pachorramente varias familias burguezas, de matronas gordas, sujeitos merencorios, e meninas catitas. Christino, de lapis aguçado e pequeno album ás ordens, começou a apanhar-os todos, inclusivê as bandeiras, n'um croquis ironico e observador; mas assim que elles perceberam a aggressão medonha, retiraram-se das janellas, disfarçadamente, as mães pallidas de cólera puxando as filhas sorridentes, e os maridos ingenuos louvavelmente ruborizados de pudôr. Ficaram só as bandeiras, muito deslavadas! E o desenhador audacioso contou-me depois, intimamente, que teve uma visão assustadora, em que lhe appareceram salas cheias de familias respeitaveis, onde senhoras cahiam derrubadas por desmaios, e graves cavalleiros passejavam, agarrados a grossas bengalas apopleticos de ira, — emquanto que as formosas donzellas, decerto perversas por leituras occultas, riam, riam muito, immensamente!

Entretanto um brouhaha ligeiro levantou-se na multidão; um bello homem, na flôr da vida e de um magnifico bigode preto, passava no alto do seu carro, guiando distrahidamente uma não menos bella e não menos preta parelha docil; emergindo a cabeça airosa da onda de finas pelles do seu casaco, o homem gentil distribuia com um sorriso galanteador pelas janellas os seus olhos duplicados de lentes auxiliares; o povo, apontando dedos irreverentes e explosivo de commentarios graudos, abria passagem lentamente; e as janellas lisongeadas, onde mil olhos faiscavam e quinhentos sorrisos promettiam, debruçavam-se com interesse, n'uma avidéz palpitante. Já o bello homem ia lá ao longe, sempre de cabeça alta e repimpado na gloria das suas pelles, quando um grande susurro lhe roubou a admiração geral; agora, o povo affastava-se com pressa, jovialmente, deixando passar dois jockeys carregados de grandes cabelleiras brancas, e seguidos de tres parelhas soberbas que puxavam arrogantemente uma carruagem descoberta, onde se recostavam as rainhas de Portugal e de Hespanha. Só pude entrevêr a custo, rapidamente, a cara sympathica d'esta, desabrochada n'uma captivante expressão risonha, sob a pequenina ceara encantadora dos seus cabellos louros...

De todas as janellas cahia uma attenção penetrante; mas pareceu-me que as senhoras lisbonenses admiravam as duas rainhas muito friamente, serias e concentradas, — n'um despeito d'evidente inferioridade de *toilettes*.

Pouco depois, clarins alegres misturavam gritos sonoros, para os lados do Terreiro do Paço; e em toda a rua, o povo ia esperando, serenamente, debaixo d'um barulho surdo de vozes.

•••

Lá veem os reis! e os reis appareceram effectivamente, precedidos d'um piquete farfalhão de cavalleiros municipaes, n'um estrepito confuso de ferraduras batendo rispivamente na calçada poeirenta. Fez-se nos espectadores apinhados um movimento brusco de curiosidade, e um

borburinho caracteristico perpassou; sujeitos monarcomacos levantavam-se na ponta dos pés — ou das botas, pescoços esgalgados, dilatando olhos devoradores; garotos endemoninhados furavam obscuramente a negra cerração das pernas compactas, para se irem pôr á frente da primeira fila, deliciaes; mulheres palradoras, irrequietas de lingua e de gestos, levantavam apressadamente nos braços creancitas pasmadas, de olhinhos muito abertos, dedos na bocca, — para vêrem bem; e parecia que os pequeninos entes, procurando em vão comprehender tudo aquillo que viam, só de vez em quando avançavam os braços debeis com o vivo desejo de possuir um d'aquelles bonecos gloriosos...

Ao lado do sr. D. Luiz, pacatamente montado com o seu gordo ar joãosexino, D. Affonso tomava attitudes espalhafatosas, vagamente theatraes, comprimentando para todos os lados, o braço arqueado em continencias amaveis para as janellas encantadas, e um bello sorriso entornado nos labios, contraíndo ligeiramente as faces meias cobertas por umas suissas pretas, sedosas. Atraz d'elles, o senhor principe herdeiro ostentava o seu magnifico fardamento novo — de official de lanceiros, e o sr. Fontes, muito amigo de rhetorica menos no que diz respeito a cans, mesmo realçadas por dezenas de adjectivos austeros, espalhava bondosamente por sobre a turba o seu olhar superior, — d'aguia com manga d'alpaca. Depois, era toda a animação d'um sequito brilhante, n'um luxo realengo de galões e crachás, altas espadas e longos chapéus bicudos, onde se agitavam elegantemente punhados de finas plumagens brancas.

Em seguida, no meio do grande silencio da multidão immovel, atravez do qual se perdiam as notas simples do hymno hespanhol, começou a desfilar o sympathico batalhão do collegio militar, na marcha firme dos jovens guerreiros, resolutamente preparados para as proximas luctas — do amor, cheios de garbo e de seriedade ingenua. Nas janellas interessadas e maternaes desabrochou a fresca florescencia de sorrisos de mudo applauso, que cahia em pétalas magneticas sobre aquelles pequenos soldados briosos, os quaes tão decididamente mostravam uma vocação para heroes. Que os annuncios futuros nos digam circumstanciadamente de suas façanhas bellicosas!

Mas os marinheiros, os bravos, os valentes marinheiros chegaram enfim, envoltos n'uma onda... de hymno hespanhol, e o povo sincero e expansivo que já aguardava anciosamente a passagem d'estes luctadores audazes, queimados pelo sol e enforcados pelo trabalho constante e duro e pelos repelões das tempestades, explosiu ruidosamente n'um entusiasmo ateiado de repetidas salvas de palmas, clamorosas e interminaveis, d'onde por vezes resaltava a nota vibrante d'um ardente — bravo! Uma forte commoção apoderou-se do publico arrebatado; e em toda a comprida rua, os officiaes distinctos e os marinheiros robustos, impassiveis, foram marchando sempre socegradamente no meio de uma ovação delirante e continuada.

Depois, o silencio indifferente e pesado restabeleceu-se pouco a pouco; e os corpos de infantaria e caçadores, monotonos nos seus fardamentos negros e azulados, a artilheria estrondante de carretas, a cavallaria barulhenta de ferraduras e choques d'espadas, e os lanceiros movendo-se como que n'uma floresta vistosa e atrapalhada de lanças com bandeirolas brancas e vermelhas, n'uma confusão deliciosa e pittoresca, passaram successivamente, n'uma ordem que a minha memoria infidelissima se recusa obstinadamente a indicar-me, e sempre ao som já estopante do hymno hespanhol tocado com desespero por todas as bandas, charangas, cornetas, clarins e nariizes de coroneis!

Monteiro Ramalho.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O CONSELHEIRO BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

No dia 7 de janeiro findo, falleceu na sua magnifica casa, a S. Roque, o sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres, muito conhecido em Lisboa pela sua alta posição official, pela sua solida illustração classica, pelos serviços prestados á causa da liberdade e pela sua colossal fortuna, de que ficou herdeira universal sua unica filha a sr.<sup>a</sup> condessa de Thomar.

O sr. Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa nasceu em Villa Nova de Constancia em 27 de julho de 1806, contando portanto agora 76 ar-

tuos de idade. Um parente seu levou-o para Coimbra onde fez os seus estudos, concluindo o curso de canones, em 1828, por occasião do pronunciamento liberal contra a usurpação de D. Miguel.

Intimados os academicos a sair de Coimbra, Bartholomeu dos Martyres foi alistar-se no batalhão academico, com o posto de furriel, e com o batalhão fugiu para a Galliza d'onde embarcou, em Corunha, para a Inglaterra, passando d'ahi a Plymouth onde escreveu, segundo dizem, parte das *Noites do Barracão*, vehemente satyra politica. Em 1829, Bartholomeu partiu para a Ilha Terceira na galera *James Cropper*, d'ahi foi destacado para a defeza da aldeia dos Biscoutos.

Em 10 de julho de 1831, estando já na Terceira a Regencia, o ministro Braklami encarregou Bartholomeu dos Martyres, em attenção aos seus estudos serios, do expediente da secretaria dos negocios ecclesiasticos e de justiça, e em 1832, Bartholomeu desembarcou nas praias do Mindello, n'essa valente e heroica expedição dos sete mil e quinhentos bravos!

Em Lisboa, Bartholomeu dos Martyres accumulou o serviço da secretaria com o serviço do seu batalhão, nunca desamparando os seus camaradas das horas do perigo, e tomando parte no combate das linhas de Lisboa pela liberdade e pela rainha.

Ganhando ao mesmo tempo a reputação de um militar valente e de um funcionario zeloso, Bartholomeu tomou parte na defeza do Porto, e na redacção da *Chronica Constitucional*, collaborou com Mousinho nas suas reformas, e com as tropas liberaes nas suas pelejas, e quando a guerra acabou, então, dedicou-se exclusivamente ao estudo dos negocios do ministerio ecclesiastico, á questão do padroado portuguez e das suas relações com a curia romana, estudo em que lhe foi grande e indispensavel auxilio o seu profundo conhecimento da lingua latina.

Em 19 de fevereiro de 1840 Bartholomeu dos Martyres casou com a sr.<sup>a</sup> D. Maria Fortunata d'Oliveira e Sousa, de quem teve dois filhos, Bartholomeu e D. Sophia.

Em 25 de janeiro de 1861 a esposa de Bartholomeu dos Martyres morreu deixando um viuvo inconsolavel, e em 29 de dezembro de 1880 seu filho, que tinha já 37 annos, desappareu na cova levando consigo toda a alegria, toda a ventura, e pôde-se dizer toda a vida, de seu extremoso pae.

De então para cá, o conselheiro Bartholomeu dos Martyres era inteiramente outro homem, nunca mais ninguem o viu sorrir, e no dia primeiro d'este anno quando se levantava da cama, caiu prostrado por uma syncope para nunca mais se erguer.

D'ali a sete dias expirava.

Deixou uma *Memoria sobre a allocução do santissimo Padre Pio IX no consistorio secreto de 17 de fevereiro de 1851*, e impressa n'esse mesmo anno, que se referia ás negociações de Portugal com a Santa Sé, e que foi traduzida em inglez, e um livro de poesias, feito na sua mocidade, e de que falla Innocencio no *Diccionario bibliographico*.

Bartholomeu dos Martyres tinha a carta de conselho, era commendador das ordens de Christo, Conceição, S. Thiago, cavalleiro da Torre e Espada, de S. Mauricio, de S. Lazaro, de Italia, gran-cruz de S. Gregorio Magno de Roma, director geral da secretaria da justiça, deputado da junta geral da Bulla da Cruzada, e fôra por varias vezes deputado, e presidente da camara electiva.

Deixa, como dissemos, uma unica filha, a sr.<sup>a</sup> D. Sophia Bartholomeu dos Martyres, esposa do sr. conde de Thomar.

### A TOURADA

#### OFFERECIDA PELO SR. ALFREDO ANJOS A SUAS Magestades CATHOLICAS

De todas as festas em honra dos soberanos hespanhoes uma das mais brilhantes, das mais entusiasticas, foi decerto a tourada por amadores, promovida pelo sr. Alfredo Anjos e por elle offerecida a suas magestades.

Uma festa bizarra, principesca e digna de se offerecer a um rei.

Os jornacs hespanhoes fallaram muito d'este acto de bizarria perfeitamente notavel. d'este offerecimento d'uma festa esplendida feito por um particular.

Foi decerto esta diversão uma das que mais agradou aos soberanos hespanhoes, diversão perfeitamente carecteristica da peninsula, e que a elegancia, a arte, a coragem de meia duzia de rapazes valentes e entusiastas, transforma de espectáculo selvagem n'uma festa brilhante.

São legendarias entre nós estas touradas de amadores, em que fazem prova de temeridade e de valentia, rapazes que entram na vida alegremente, cheios de ardor, de enthusiasmo, despreocupados dos perigos, arriscando a existencia com um sorriso nos labios atravez dos applausos de mãos de luvas, d'uma visão d'essa gloria antiga que sorria aos triumphadores nos torneios medievales.

A tourada do dia 14 de janeiro foi notavel, sobretudo pela bravura, elegancia e coragem dos lidadores.

A praça estava enfeitada com tropheos, bandeiras e flôres, uma ornamentação carissima que todavia não produzia o effeito que se esperava.

A enchente era enorme, e a multidão que enchia as trincheiras e os camarotes era animada por um enthusiasmo ruidoso, que nenhum divertimento faz vibrar em Portugal como as corridas de touros.

As cortezias foram feitas com todo o rigor da arte e provocaram logo uma enorme ovação.

Os cavalleiros eram os srs. Alfredo Anjos, Carlos Relvas, Antonio Vellez Caldeira, D. Antonio Galveias, Henrique Martins, e D. Antonio de Portugal.

Os bandarilheiros eram os srs. Antonio, Diogo e Raphael Manique, Alfredo Tinoco, Mendonça e João Gagliardi, e os moços de forcado os srs. Rebello de Andrade, D. Alexandre Villa Real, D. José Mascarenhas, Barros Lima, Queiroz, D. João Paraty, Antonio Martins e Emygdio Canavaro.

Todos estes corajosos lidadores deram provas de alta pericia e de temerario valor, sendo a corrida, mesmo debaixo do ponto de vista tecnico, uma das mais notaveis que se tem feito em Portugal.

O aspecto da praça, a animação do publico, o enthusiasmo que sempre alli reinou, fogem á descripção.

Em summa, foi uma festa digna d'um rei, a que o sr. Alfredo Anjos offereceu a D. Affonso XII.

## EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XXX

O professor Archimedes Sacchi fez a 27 de setembro uma notabilissima conferencia sobre as *industrias urbanas (idilizie)*. Começando pela pedra, mostrou a sua distribuição geographica na peninsula italiana, sua qualidade, extracção e emprego. As qualidades são excellentes, mas a extracção defeituosa, devendo applicarem-se-lhe os proces-

## SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 111)

VIII

O diabo fez-lhe a vontade.

Em uma noite, altas horas, Joanna foi-lhe bater á porta em grande alarido atroador.

— Accuda, accuda cá sr. Antonio.

Elle, estremunhado, levantou-se esfregando os olhos e por pouco que não saiu do quarto n'aquelle fresco traje de Adão.

Lá se vestiu como ponde, enfiando as ceroulas por cima das calças e trocando as botas, até que por ultimo foi de sapato n'um pé e de chinello no outro, levando o chapéu alto na cabeça sobre o barrete de dormir.

A meio caminho achando-se em mangas de camisa, voltou a traz e enfiou o seu chambre de trazer por casa.

D'este modo se apresentou a informar-se do occorrido.

Antes de sair com esta precipitação que a sua toilette denunciava, a mulher dissera-lhe descansadamente e voltando-se para o lado opposto:

— Vae meu pedaço d'asno, corre a foguetes, que hade atar o ganho na ponta do lenço.

— Ó demonio, longe vá o teu agouro!

E fazendo gesto apropriado, repetiu com uma grande intimativa:

— Figas, figas.

E lá se foi com aquella espinha atravessada na garganta.

so e machinismos usados na Suissa, na Inglaterra, na America, etc.

Passando á ceramica, disse que se provou haver feito grande progresso em poucos annos, onde se apresentaram objectos de fabrico muito conveniente, lamentando que a pequena industria, por não poder utilizar-se de grandes fornos, expozesse artigos que não podem, por suas dimensões, ser sufficientemente cozidos.

Quanto a cimentos, achou muito que louvar nas emprezas lombardas, venezianas, piemontezas e outras; mas, apesar d'isso, estranhou o abuso que se tem introduzido em empregal-os na arte ornamental. Mostrou, com o exemplo da Suecia, Inglaterra, França e Allemanha, que resultados se pôdem tirar do seu emprego, como já muito bem se tirou na Italia.

Quanto ás madeiras fez uma analyse semelhante á da pedra; e mo.trando o exemplo do paiz de Bellune, excitou o resto da Italia a estender e augmentar a cultura dos bosques, porque a importação de madeiras é consideravel.

Fallando das ferrarias, notou a inferioridade em que se encontra a Italia, principalmente comparada á America, onde as construcções metalicas entraram já na vida commum; louvando porém as emprezas que já se tem distinguido n'este ramo industrial.

Fallou depois na construcção dos edificios, accentuando quanto convinha que esta fosse segura, rapida, abundante e barata, caracterizando todas as qualidades technicas e economicas que devem dirigir este assumpto, para satisfazer ao bem estar geral, notando a deficiencia de edificios construidos assim no paiz. Concluiu citando como exemplo das condições que enunciou, o proprio edificio da exposição cujo modico preço, brevidade, estrutura e belleza peculiar, resumia o conceito fundamental da sua conferencia.

Todas as reflexões e observações do illustre professor se podem applicar ao nosso paiz, em todos os ramos de que elle tratou, e em mais larga escala; e nós não cessaremos de clamar aos industriaes e cultivadores que procurem o melhoramento dos seus productos e culturas.

Não fallaremos d'ellas, porque no nosso paiz se tem feito tambem n'este genero obras importantissimas. Diremos apenas que o illustre professor mostrou pela logica dos algarismos que o tijolo é o material mais economico para a construcção das grandes pontes, e tambem o mais duravel, e concluiu por desejar que se ouzasse mais com relação á abertura dos arcos das pontes, porque se no fim do seculo passado, antes do conhecimento dos cimentos hydraulicos, já o celebre Perdonet apresentava o projecto de um arco de 160 metros de abertura, o que se não deverá ousar hoje, depois de todo o desenvolvimento das artes de construcção?

Esta notavel conferencia é preciosa, sobre tudo pelos dados historicos e comparativos.

D. Monica estava na cama estendida ao com-prido sem dar accôrdo de si.

Elle deitou-lhe da porta um olhar guloso, e perguntou á Joanna se não tinham mandado chamar um padre.

Respondeu-lhe que ficasse elle ali enquanto ía buscar o conego Salgado.

Uma bomba d'estas era para atirar com elle para casa de Deus verdadeiro, ou antes para as profundas dos infernos,

Tirou das fraquezas força, e oppôz-se.

— O conego já não tem que cheirar aqui.

— Ora essa! quem manda mais n'esta casa do que a senhora.

— Sim?!

Dizendo isto com um gesto ameaçador, Antonio Dourado avançou para junto do leito da doente, e e-meçou a perguntar-lhe com toda a força dos seus pulmões:

— Vossemecê quer que mande chamar o conego, se quer diga que eu já me raspo.

Ella porém não dava accôrdo de si.

Estava como n'um spasma, de olhos abertos, immoveis, labios contraídos.

Havia sido atacada de uma paralyisia que lhe tomara os movimentos e a falla.

Joanna advertiu o sr. Antonio Dourado d'essa circumstancia, dizendo que não havia tempo a perder.

— Pois eu vou chamar um medico, esta senhora não hade morrer aqui ao desamparo, ella não falla...

— Mas falla por ella este papel.

N'isto Joanna apontava-lhe de uma maneira

XXXI

A ultima e decima conferencia versou sobre *algumas industrias chimicas*, pelo professor Gabba.

O sabio professor mostrou que n'este ramo, em algumas partes, a Italia está ainda na infancia, sendo as industrias chimicas que occupam a primeira plana o alumen e o acido borico, seguindo-se-lhe outros.

Acha muito limitada esta industria pelo que respeita ao serviço das artes medicas. Falla do amido, da glucose, do assucar, do alcool, aconselhando os productores quanto a este ultimo a seguirem o exemplo dos outros paizes.

Lamenta a tendencia dos pharmaceuticos para crear especificos medicinaes, cuja causa não explica.

As materias gordas prenderam muito a attenção do illustre professor que notou o desenvolvimento do fabrico da stearina, dos sabões, e oleos lubrificantes e fez sentir o atrazo da industria das materias resinosas, dos vernizes, oleos mineraes, alcatrão etc. segundo pensa, por falta de pessoal tecnico. Acha porem muito florentes a industria do *cautchú* e da *gutta percha*.

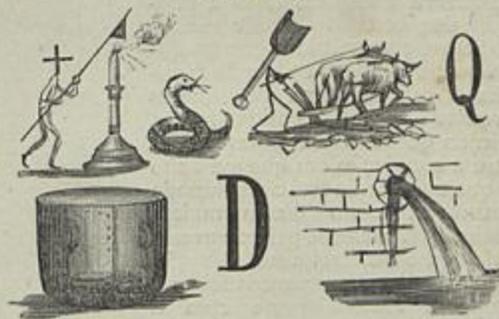
Concluiu dizendo que a causa d'este atrazo é a falta do desenvolvimento do ensino da chimica, não tendo a Italia aproveitado os exemplos dos outros paizes, especialmente da Allemanha; e assim o que falta á industria italiana não é o auxilio dos direitos protectores, mas sim solida cultura scientifica: Esta é a suprema necessidade da Italia.

Todas estas considerações, especialmente a conclusão, são perfeitamente applicaveis a Portugal, a quem daremos o mesmo conselho, para quem pedimos os mesmos melhoramentos, e a quem desejamos o mesmo progresso que os professores italianos desejam para a sua patria.

(Continúa.)

R

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A festa do centenario de Camões foi a mais brilhante de nossos dias.

varonil e heroica, para aquelle bilhete que estava de traz da porta, cujo conteudo não cessara nunca de ser para Antonio Dourado um terrivel pezadello.

Os dois mediram-se por momentos de uma maneira grotescamente ameaçadora: Joanna com olhares de triutapho, Antonio com muitas ancias de desespero.

O seu primeiro pensamento foi deitar-se a ella, e desancal-a, moer-lhe aquelle corpo com pancadas, deitar-lhe um braço abaixo, fazel-a em frangalhos.

Preferiu porém mais prudentemente deitar-se ao bilhete, rasgal-o, espatifal-o, reduzil-o a mil fragmentos.

Assim o fez rapida e summariamente.

Tentou ainda Joanna oppôr-se mas elle re- pelliu-a.

Ah! nunca suppôz que fosse homem para tanto! Pensando isto, exclamou ensoberbecido e satisfeito:

— Veremos agora se fallo eu, ou se chia algum carro.

Entretanto a doente permanecia no mesmo estado, no mais cruel abandono, ali para um canto, já como coisa morta.

As suas faces da côr tostada de um limão maduro, tinham na sua immobildade o quer que era da rigidez cadaverica.

Os beiços seccos e contrahidos, de um roxeado sombrio, pareciam exprimir o ultimo grito de desespero, estrangulado na garganta ao des- pedir o ultimo arranco.

LEITE BASTOS.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

COMISSÃO CENTRAL DOS SERVIÇOS PHYLLOXERICOS, *Administração, 1880-1881. — Relatório anual*, pelo visconde de Villar d'Allen. — Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira. — Um folheto de 80 paginas in-4.º com um mappa demonstrativo das diferentes fórmulas características das principais vinhas semeadas nos viveiros experimentaes da comissão central dos serviços contra o phylloxera, e tres estampas diversas da fabrica official de sulfureto de carbonio, na serra do Pilar (Porto).

Este relatório divide-se do seguinte modo: 1.º *Administração: nova organização; vinhas americanas, etc.* 2.º *Fabrica de sulfureto de carbonio.* 3.º *Cultura experimental de tabaco.* 4.º *Comissão consultiva.* 5.º *Memorando.*

O flagello do phylloxera que invadiu as vinhas de Portugal, muito especialmente na provincia do Douro, levou o governo, por decreto de 24 de dezembro de 1879, a organizar uma comissão de serviços phylloxericos, sendo este o segundo relatório publicado e no qual se dão a conhecer as grandes vantagens, já hoje obtidas, contra o phylloxera, pelo emprego do sulfureto de carbonio.

Para este fim a comissão fundou no Porto, uma fabrica de sulfureto de carbonio, destinada a fornecer os viticultores, sendo já extensa a lista dos que se teem aproveitado d'este beneficio.

O sr. visconde de Villar Allen demonstra n'este relatório a utilidade dos estudos feitos e diz:

«Seja-me permitido, que na dupla qualidade de membro da comissão official, e na de simples lavrador e viticultor, emitta a minha opinião sobre o assumpto e declare a convicção em que me acho de que a vinha não está condemnada a morrer, como dizem muitos pessimistas, mas que pelo contrario creio que é possível a sua salvação por meio dos tratamentos feitos a tempo e racionalmente com o sulfureto de carbonio.»

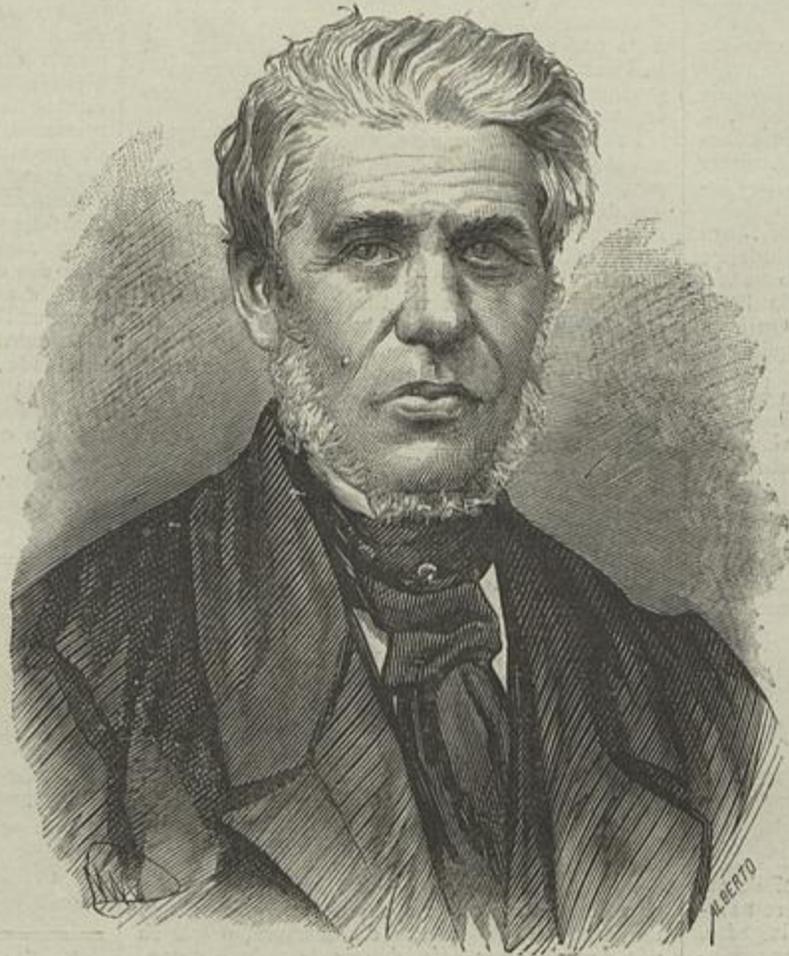
CATALOGO DA LIVRARIA CENTRAL SCIENTIFICA E INDUSTRIAL de Godinho de Castro. — Porto, Rua Sá da Bandeira, 23 e 25, de 48 pag. 8.º — É um catalogo muito desenvolvido dividido da forma seguinte: *Livres d'etrennes, Bibliothèque de philosophie contemporaine, Bibliothèque scientifique internationale, Ouvrages illustrés, Bibliothèque des professions industrielles et agricoles, Collection de os mejores autores españoles, Bibliotheca Pedro Corrêa, Bibliotheca de algibeira, Theatro Portuguez, Educação e ensino, Livros uteis e instructivos, Litteratura, Romances, Viagens, etc.*

LE MOUVEMENT ÉCONOMIQUE EN PORTUGAL ET LE VICOMTE DE SAN JANUARIO, *membre correspondant de la Société Académique Indo-Chinoise... Paris, au siege de la société académique Indo-Chinoise, 44, rue de Rennes, 1881. — De II — 14 paginas.* — Este opusculo, como o seu titulo indica, tem por fim demonstrar perante a sociedade indochineza de Paris os serviços feitos ás sciencias geographicas pelo sr. visconde de S. Januario, presidente honorario da sociedade de geographia

de Lisboa. Resenha brevemente os descobrimentos, explorações e conquistas dos portuguezes, desde as primeiras tentativas do infante D. Henrique em 1415 até á ultima travessia d'Africa por Serpa Pinto, se bem que com algumas inexactidões e omissões importantes, provenientes naturalmente das fontes de que se servio. Apreciando os diversos relatórios e trabalhos do sr. visconde insiste sobre o ultimo — *Missão do v. de S. Januario nas republicas da America do Sul 1878 e 1879*, que qualifica como a obra mais completa sobre aquella parte do novo continente, recommendando a sua traducção em francez, pelas vantagens reaes que do conhecimento

Pyreneos, e foram recebidos, estudados, commentados e traduzidos em varias linguas cultas, e isto basta para reconhecermos que tem merito verdadeiro. Não faz mal querer alimentar a esperança, quando outros procuram apagal-a. Este volume — *Historia da philosophia* — abstraindo ainda das vistas religiosas do auctor, é um resumo cerrado, conciso e bem feito que póde e deve ser lido por todos, que desejam saber e instruir-se, e a juventude nada perde com a sua leitura.

AO POVO PORTUGUEZ em nome da honra, do direito, do interesse e do futuro da patria, a comissão do fundo africano, creada pela sociedade de geographia de Lisboa, para promover uma subscrição nacional permanente, destinada ao estabelecimento de estações civilisadoras, nos territorios sujeitos e adjacentes ao dominio portuguez em Africa—Lisboa, Imprensa Nacional, 1881. Este opusculo acompanhado de uma carta das nossas possessões comprehendidas entre as costas occidental e oriental de Africa, indicando as estações civilisadoras em projecto, tende a disseminar por todas as classes o conhecimento do que são e podem ser para o futuro de Portugal aquellas estações. Acompanha o plano para a subscrição permanente nacional a fim de se crearem aquellas estações, consignando o modo facil e simples de ella se levar a effeito. Compenetrados do bom desejo e serviços da comissão africana, bem estimariamos concorrer quanto podessemos para que o seu apello fosse ouvido e correspondido por todos os membros do paiz, ricos e pobres. Oxalá que a comissão veja coroados os seus esforços por um feliz resultado, mas nós achavamos mais seguro um adicional de 4, 5 ou 6 por cento sobre todas as contribuições; era uma subscrição certa e não impedia que os abastados podessem concorrer com o mais que quizessem. O nosso publico é muito pouco usado com os seus capitaes; o presente ensejo era o mais sympathico e patriotico para que o fosse.



CONSELHEIRO BARTHOLOMEU DOS MARTYRES DIAS E SOUSA—Fallecido em 7 de Janeiro de 1882

(Segundo uma photographia)

d'ella podem resultar ao commercio da França. Folgamos sempre, que vemos os nossos homens bem apreciados pelos estrangeiros.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA, por D. Jayme Balmes, traducção de José Simões Dias, professor de litteratura no lyceu nacional de Vizeu... Porto Ernesto Chardron, editor 1881. — 8.º de 207 pag. — Este volume é, dos da serie das obras completas do illustre philosopho catalão, que em meio do seculo XIX teve a coragem de encarar os estudos philosophicos debaixo de um ponto de vista religioso e christão, e que, no meio da descrença geral e do fervor do materialismo, soube tornar-se notavel apezar dos Littré, dos Comte e de todos aquellos que tendem a romper os laços que unem o coração do homem a uma crença religiosa. Nós não podemos dizer se Balmes conseguiu o seu desejo e intuito, sabemos que os seus livros, os seus trabalhos philosophicos passaram os

## EXPEDIENTE

Mais uma vez, agradecendo á imprensa portugueza a amabilidade e a delicadesa com que sempre tem tratado o nosso periodico,

pedimos a não transcrição na integra dos artigos que o OCCIDENTE publica.

Força-nos a esta declaração o facto de, ultimamente, alguns jornaes terem publicado artigos inteiros tirados da nossa folha, sem ao menos declararem a sua proveniencia.

A empresa do OCCIDENTE novamente declara, para todos os effeitos, que se reserva o direito da transcrição na integra dos artigos publicados no OCCIDENTE, e espera não se ver forçada, para fazer respeitar esse direito, a recorrer aos meios que a lei põe ao seu alcance.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO, EM LISBOA, 240 RÉIS

À venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

## CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

## OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas speciaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.